

Bird poderá securitizar empréstimos ao Brasil

Crédito do IFC para o País este ano está estimado em US\$ 1 bilhão; mercado prevê demanda pelo novo papel em até US\$ 400 milhões

Maria Helena Tachinardi
de Washington

A International Finance Corporation (IFC), agência do Banco Mundial que financia investimentos do setor privado, poderá securitizar empréstimos concedidos a empresas brasileiras para captar mais recursos no mercado internacional e atender à grande demanda do Brasil, o seu principal cliente. Neste ano, os financiamentos da IFC ao País estão es-

timados em US\$ 1 bilhão, quantia semelhante à de 1997.

"Nossa capacidade financeira no Brasil está chegando ao limite de prudência. Por isso, estamos estudando com bancos estrangeiros um meio de securitizar nossos empréstimos. Uma das soluções seria a emissão de um papel que reagruparia vários de nossos empréstimos no Brasil. Esse papel seria vendido no mercado por meio de uma estrutura

jurídica. Já fizemos isso com a Ceval (do grupo Bunge)", explicou Bernard Pasquier, gerente "senior" do Departamento de América Latina e Caribe da IFC.

Uma outra idéia em consideração é "juntar os empréstimos" da IFC não só no Brasil, mas em vários países da América Latina. "O apetite do mercado para esse tipo de papel oscila entre US\$ 100 milhões e US\$ 400 milhões", disse. Pasquier esteve

presente, ontem, em entrevista coletiva para divulgar o relatório anual do Banco Mundial (Bird) e de suas agências — a IFC e a Multilateral Investment Guarantee Agency (MIGA). O embargo para a publicação dos documentos vai até hoje.

A preocupação da IFC é como atender à demanda das empresas brasileiras com dificuldade de refinar suas dívidas. Em geral são firmas de porte médio, cujo fatura-

mento oscila entre US\$ 50 milhões e US\$ 250 milhões, "que já tiveram bom acesso ao mercado internacional sem nossa ajuda, mas agora a situação está mais difícil para elas".

O novo papel que a IFC pensa emitir seria vendido na América do Norte e no Brasil, para fundos de pensão e de investimentos. Com os recursos alavancados a agência aumentaria o cacife para fazer novos empréstimos. Do portfólio de US\$ 1 bilhão da IFC no Brasil, aproximadamente US\$ 250 milhões são investidos no capital das empresas. O restante são créditos de longo prazo, de até 15 anos.

"A demanda por investimentos de companhias de médio porte cresceu muito nos últimos quatro anos do Plano Real e vai continuar forte", prevê Pasquier. Segundo ele, a IFC "é uma fonte pequena de financiamento, comparada ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)". Um terço de seus empréstimos é repassado através de bancos, como o Bradesco e o grupo Icatu, "uma forma de atingirmos as médias empresas".

Pasquier informou também que a IFC "está começando a descobrir o setor social como investimento e fonte de lucros". No Brasil, iniciou contatos com três hospitais privados. Na Argentina, já financiou uma escola. "Em dez anos, a parte social de nosso negócio será bem maior do que hoje", comenta. Os juros da IFC para financiamentos a empresas brasileiras va-

riam de 3,5% a 4% acima da Libor. "Para certas empresas boas, essa taxa pode ser menor, em créditos a serem pagos em sete ou dez anos", diz.

Num momento de alta volatilidade financeira, é preocupante a associação do Brasil à Rússia, observa o executivo. O efeito de contágio leva "algumas firmas a não terem mais acesso ao mercado, e nós precisamos dos bancos comerciais para obter recursos e emprestar". Pasquier

acha que "este não é o melhor momento para se testar o mercado". Em sua avaliação, primeiro "é preciso ver o que vai ocorrer depois do primei-

ro turno das eleições no Brasil, e quais medidas o governo adotará". Se o presidente Fernando Henrique Cardoso se eleger no primeiro turno, "não é realista pensar que um mês depois ele implementará todas as medidas necessárias. Não poderá consertar tudo rapidamente. Isso o mercado tem de entender", salienta o gerente da IFC.

A agência do Banco Mundial abriu dois escritórios no Brasil: no Rio de Janeiro, há um ano e meio, e em Fortaleza, onde funciona com quatro funcionários. "Estamos acompanhando a tendência de busca de produtividade, de mão-de-obra mais competitiva", explica Pasquier, referindo-se às empresas do Sul e do Sudeste que estão aumentando sua presença no mercado do Nordeste. ■

(Leia mais sobre empréstimos ao Brasil na página B-4)

O novo papel que a IFC pensa emitir seria vendido na América do Norte e no Brasil, para fundos de pensão e de investimentos